

Comentário ao programa “OVNIS NA EUROPA”

O National Geographic Channel (NGC), levou a cabo, entre os meses de dezembro de 2012 e fevereiro de 2013, um conjunto de sete programas, de cerca de 50 minutos cada, que abordaram o fenómeno OVNI, em vários países europeus.

Foi a primeira vez que um canal de televisão apresentou, de uma forma sistemática, a realidade do estudo dos “não identificados”, no velho continente, nomeadamente, na Noruega, Suécia, Dinamarca, França, Itália, Inglaterra, Escócia, Roménia, Bélgica e também Portugal.

Em relação ao nosso país, foram abordados os seguintes casos: Barragem do Castelo do Bode (1977) – piloto militar (episódio 1); Évora (1959) – civil (episódio 3); Alfena, Valongo (1990) – civil (episódio 4) e OTA (1982) e Lemos Ferreira (1957) – ambos tendo como protagonistas pilotos militares (episódio 5).

Era grande a expectativa, pelo menos no seio de todos os que, em Portugal, colaboraram, de uma forma ou outra, para que os referidos episódios fossem possíveis (gravações realizadas no mês de junho de 2012), sobre o conteúdo final a disponibilizar pela respetiva produtora.

É também importante referir que o conteúdo que permitiu à NGC realizar os programas com os casos portugueses, foi disponibilizado, essencialmente pelo CTEC – Centro Transdisciplinar de Estudos da Consciência, da Universidade Fernando Pessoa (UFP), cujo acervo documental reúne toda a casuística OVNI portuguesa, recolhida e investigada, essencialmente, ao longo das décadas de 70, 80 e 90, do século XX. Também o papel desempenhado pelo Dr. Francisco Mourão-Corrêa, enquanto elemento da Exopolitics-Portugal, não pode deixar de ser referido, pois para além de ter estabelecido todos os contactos com o NGC e a produtora, acompanhou, em todos os momentos, a equipa de filmagens, no seu périplo pelo nosso país. Sem ele, seguramente, este projeto teria sido um pouco mais difícil de concretizar.

Agora que a exibição de “OVNIS NA EUROPA” já terminou (embora ainda estejam a decorrer reposições de todos os episódios) e porque alguns elementos da PUFOI também participaram ativamente em dois desses programas, na qualidade de investigadores, nomeadamente o José Sottomayor (caso da OTA) e o Mário Neves (caso de Alfena), entende-se ser tempo de fazer o balanço possível.

Se em termos globais, o conjunto de programas foi positivo, porque nos proporcionou uma panorâmica geral dos casos europeus mais importantes (só faltaram os casos espanhóis – alguns bastante importantes, no contexto desta fenomenologia), em relação à análise dos casos portugueses há alguns aspetos que gostaríamos de apontar e que, na nossa perspetiva, defraudaram um pouco a expectativa inicial.

Assim, vejamos:

- a) Lacuna grave ao não ser referido qualquer agradecimento à UFP, não só por ter disponibilizado o acervo documental, mas também porque uma parte significativa das filmagens ocorreu nas respetivas instalações;

- b) Critério de escolha de alguns “especialistas”, de qualidade mais do que duvidosa, quando teria sido possível, e desejável, ter convidado pessoas com um perfil mais adequado, nomeadamente no nosso próprio país. Vejam-se os casos de um tal senhor “especialista” de radares, que insiste em catalogar tudo, ou quase tudo, como balões (poderia ter ao menos um pouco mais de criatividade...) e um outro, astrónomo, que também diz algumas barbaridades, única e exclusivamente porque revela, tal qual o anterior, um total desconhecimento dos casos em análise. Finalmente, não se compreende porque é que uma escritora aparece, de vez em quando, revelando pouco enquadramento com a temática tratada;
- c) Caso da Barragem de Castelo do Bode – do muito que foi filmado, poderiam ter selecionado outras imagens mais representativas do relato;
- d) Caso de Évora – referência errada ao investigador Raul Berenguel, como professor da UFP, pois ele não é, nem nunca foi professor nesta universidade. Depois, a forma como a preparação é apresentada não é correta, pois para o ser teria que ser colocada na lamela que cobre o espécimen, que está sobre a lâmina, como aliás é descrito corretamente no relatório original da testemunha principal (Dr. Amaral). Também o erro na tradução de uma referência a distâncias, feita por Raul Berenguel, em que aparece “... de 14 a 100km ...”, quando o que foi afirmado pelo citado investigador, foi, “... dos 40 aos 100km ...”. Isto é um erro grave, que põe em causa a idoneidade do próprio investigador, o que é inaceitável;
- e) Caso de Alfena – lacuna importante em relação à análise fotográfica, pois não é feita qualquer referência às várias análises, aos negativos originais (relembre-se que a máquina utilizada era analógica), que foram realizadas por especialistas de todo o mundo (Richard Haines, NASA – Estados Unidos da América, J. J. Velasco, CNES – França, INET, Bento Correia, INETI – Portugal, entre outros), que foram unânimes em afirmar que as fotos são genuínas. Este aspeto foi referenciado pelo investigador do caso (Mário Neves), a quando das gravações, pelo que era fundamental para atestar do alto índice de credibilidade do relato;
- f) Finalmente, não se compreende muito bem porque não foram aproveitados os depoimentos prestados por alguns investigadores, pois nem sequer aparecem nos programas, para os quais era suposto terem contribuído com os seus conhecimentos.

Façamos votos para que, no futuro, tais situações não se venham a repetir, pois as entidades e investigadores que tomaram parte nos casos portugueses são pessoas rigorosas e cuja idoneidade jamais poderá ser posta em causa.

Março / 2013

A PUFOI